



Rodrigo da Silva Goularte

O Bando e o Beato

Poemas

O Bando e o Beato

A decorative swirl graphic in a thin black line, starting from the right side of the word 'Bando', looping around the word 'Beato', and ending near the word 'Bando'.



Copyright © 2021, Rodrigo da Silva Goularte.

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - França)
Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Unicamp)
Prof. Dr. Valdeí Lopes de Araujo (UFOP)
Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

RODRIGO DA SILVA GOULARTE

O Bando e o Beato

Poemas



EDITORA MILFONTES
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Anderson Patrick Ferreira Alves

Impressão e Acabamento

GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G694b Goularte, Rodrigo da Silva.
O bando e o beato: poemas/ Rodrigo da Silva Goularte
Vitória: Editora Milfontes, 2021.
134 páginas p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-94-1

1. Literatura 2. Poesia 3. Beato I. Goularte, Rodrigo da Silva
II. Título.

CDD 871

Apresentação

Esses versos são filhos da esperança, da tentativa de encontro com personagens que rapidamente se movimentam em um baile de máscaras. Alguns deles são bem conhecidos. Outros, figuras muito particulares. Alguns encontros foram possibilitados durante a escrita. Outros personagens ainda estão perdidos na multidão. Todos querem falar, por isso às vezes fica difícil entender o que é dito. Meu pedido é que você tenha paciência e encare o bando em sua algazarra nesse baile à meia-luz. Sim, essas palavras foram paridas também em meio a sombras. São fruto de pesadelos, insônias e perguntas ainda sem respostas. Não que nesse baile de máscaras “as trevas e a luz são a mesma coisa”, como diz o texto bíblico, mas elas bailam juntas, na companhia de muitas outras cores, sons, tonalidades, cheiros... Às vezes também se conflitam, mas o que é uma festa sem brigas e estranhamentos? No fim, só não vale ficar em um canto observando o baile acontecer. Isso é coisa do beato. Convido você também a conhecê-lo. Apesar de carrancudo, também faz parte do folguedo. Bom baile e boa leitura.

O Troféu

Toda uma vida atrás da vidraça
Contemplando deuse(es)
Os passantes
Eram misturados no reflexo
Às vezes paravam
E a eles os reflexos se misturavam
Mas não podiam tocá-lo
Só de pensar dava pavor
Ser marcado de dedos
E se deixarem cair?
E se amassasse?
O reflexo encantava
Misturado com as luzes de fora
Moldado pelas sombras de dentro

As luzes policromáticas banhavam as partículas de
poeira

Show de luzes no paraíso claustrofóbico

Túmulo de vidro e metal

Labirinto visual

Por ele perseguia o reflexo

Como uma ninfa

Sua voz serpenteava os corredores

Era o eco da própria voz metálica

Só um cachorro perseguindo o próprio rabo

Anos-luz a fio de bronze

À sombra do troféu

Os pernilongos se proliferavam

Zumbiam junto à alça do troféu

Assombreavam o espetáculo de luzes

No piso da prateleira

Uma crosta grossa se acumulava

Poeira, luz, treva e cadáveres de insetos

Mas o reflexo compensava tudo

Até que o vidro se quebrou

Um odor de morte projetou-se de dentro da
prateleira

Legiões de demônios se libertaram

Um caldo grosso escorreu para o chão da passarela
O reflexo não estava mais lá
Agora as trevas e a luz são a mesma coisa
Um vento frio entrou no abafamento da prateleira
E esquentou o metal
Que se moveu
OuvIU-se no final do corredor o som de juntas
metálicas se contorcendo
Não como o retinir do bronze
Nem do forjar do aço
Mas do parto de um titã metálico
Gritando para os quatro cantos do mundo a sua dor
tetânica
Dentro do cálice de metal o menino agonizava
Olhava pela última vez as partículas de poeira
banhadas de luz
Essa cavidade foi sempre a madre perdida
Agora o menino era expelido da fenda de ferro
Para fora
Para cima dos cacos
Sujo de sangue e gosma pútrida

O Altar

Não era um daqueles deuses que só querem amor
O que valia era o sacrifício
Não bastava o festejo
O Bufão precisava andar a cavalo no Beato
Precisava ser o centro da festa
Atirar merda e lama na cara dos crentes
Enquanto escondia a cara sob uma máscara de cera
Ou carranca de dor
A divindade precisava morder a clavícula das
vítimas
Salpicar a parede do altar com sangue
Rir dos crédulos fiéis
Que se prostravam reverentemente
Aguardando seu amor

Quando só tinha dor para oferecer
Fazia-os pecadores
Ofensores contra sua ingenuidade
Inocência de cera
Que escondia Dionísio
Sedento pelo mosto das vítimas
Que são atraídas por um belo altar
Que inspira conforto e proteção
À sua sombra pensavam ganhar aconchego
Mas ele escondia um covil de ossos
Esconderijo da podridão
Ah, se pudessem ver atrás da máscara!
Tomariam outro caminho
Caminhariam por outras veredas
Procurariam deuses mais humanos
Que se saciam de amor
Não da dor
Se vissem atrás da máscara
Veriam o Bufão ansioso por profanar o altar
Dançando em cima dele
Maculando a oferenda
Cuspindo a saliva viscosa e envenenada
Nos tolos adoradores

Mas a maior vítima do deus hipócrita
Era o escravo menino
Que se aninhava sob o altar
À sombra das asas do divino
Mas mal sabe ele
Que as asas angelicais
São asas infernais
Mal vê as cadeias
Que prendem seu pé ao altar

O Cavaleiro

Abriu os olhos certo dia
Não via a luz em sua totalidade
Tentou mover-se e sentiu-se endurecido
Tentou andar e se sentiu lento,
Pesado
Até que chegou a um jardim
Empurrou o portão de ferro
O som lhe pareceu conhecido
Caminhou entre as árvores
Sentiu o vento entrando pelas frestas
O bronze ressoava
Ouviu o som de um riacho
Moveu-se pesadamente e fazendo ruído de lata até
lá

Curvou-se, com dificuldade
E viu, no espelho d'água, uma armadura
Então viu seus membros cobertos pelo vil e gélido
metal
Então entendeu
Depois de anos cavalgando
Lutando contra os pagãos
Brandindo a espada e empunhando o escudo
Em cada vila que entrava, era saudado em sua
armadura reluzente
E continuava batendo seus moinhos
Procurando sua princesa prometida
Cravando a lança na cabeça do dragão
Sua memória férrea rachou pela primeira vez
E pela brecha entrou uma luz dourada
Olhou para o passado
Para a dupla estrada poeirenta
Que por anos achou ser rua de ouro
Agora entendeu aquela noite
Em que, passando por uma estalagem,
Tirou o capacete, sentou no chão para descansar
Ao seu lado repousava o escudo
Que por infandas vezes protegeu-lhe de sensuais

feiticeiras e sereias
Quando para ele olhou, viu um escravo, assustado,
que lhe encarava
Deu um salto para trás
Quando tirou a armadura
Viu nele os vergões dos açoites
Quando olhou para a armadura
Ela copulava com o cavalo
“É um feitiço, pensou”
Quando acordou no outro dia
Achou que tudo fora um sonho
Montou o cavalo
E foi mais uma vez defender donzelas indefesas
Agora, viu que usou a couraça por tanto tempo
Impermeável ao fogo, ao vento, à água, ao sol, ao
toque
Que achou dela fazer parte
Tirou o capacete
Viu que seu rosto não tinha cicatrizes
Mas estava pálido, enrugado e com marcas feitas
pela pressão do metal
De repente, um frio metálico subiu a espinha
Percebeu que sua proteção era sua prisão

Começou a despir-se desesperadamente da
fortaleza
Pedacos de pele saiam junto com as peças de metal
Ficou nu
Seu corpo magro e infantilizado era o que escondia
essa armadura
Por fora um tesouro reluzente
Mas que acumulou, por anos, secreções, suspiros,
lamentos, medos, dúvidas, cheiros, visões
Tudo escondido pelo reflexo
Refletia um dragão
Achava que era um leão, mas era um asno dentro
de uma carapaça de ouro
Agora o asno estava ao vento
Seu pelo se arrepiava
A armadura ficou tombada na beira da água, junto
com a espada e o escudo
O vento passava entre as peças
Delas vinha o som de muitas almas salvas
Olhou o capacete, ele parecia rir e dizer:
“Sem mim nada você poderá fazer”
Chutou a peça
Dela caiu um gorro de bufão

Aquele que perseguira a vida toda por molestar
donzelas puras
Nunca o vira face a face
Agora sabia a razão
Olhou para o colete
Dele saiu uma víbora
Pela primeira vez não tinha medo dela
Ela se enroscou em sua perna e subiu pelo seu
corpo nu
Quando chegou ao peito, virou uma moura, morena,
que olhou em seus olhos
Era Teninguá
Ela o conduziu pela mão
Tirou do seu alforje suas poções
E com elas tratou as feridas do cavaleiro
Colocou-o entre seus seios
E ele ficou nesse torpor enquanto o sol se punha na
água
Enquanto isso a armadura se oxidava
O limo cobria o metal
E o capacete se transformava em um vaso de flor

O deus oferta

O parque não vive sem a cidade

Narciso não vive sem Atlas

O Bufão não vive sem o Escravo

Corre nas sombras da cidade só pra correr na
montanha russa

Atlas carrega o mundo só para Narciso se
autossatisfazer

O Escravo apanha para o Bufão se divertir

Primeiro o degrau da adoração

A divindade pagã quer a oferta

No degrau acima o fiel é condenado por ter errado
o rito

No patamar seguinte o crente é punido pelo
pecado

Para chegar ao nível da dor
Aí a divindade vai buscar outra diversão egoísta
Baco faz sua orgia
Mas o deus se vê no rosto do fiel
A escada é uma lente/espelho
Reflete e filtra o mundo
O deus sofre por não ser adorado como deseja
Sofre por não possuir a vítima como queira
A divindade é masoquista
Rasga suas costas com o metal cortante para dizer:
“Meu sangue paga um momento de satisfação”
“Eu mereço”
Mas a divindade também é sádica
Dá-lhe prazer o sofrimento do fiel
Culpar o fiel alivia a culpa do divino
Deus/sacrifício
A divindade não pode amar
Amar é ser carne
Não é ser mais o centro
O centro do espelho
Ser carne é não mais julgar
Não receber mais libações
Não ser mais o centro da festa

É ser mais um dos dançarinos
É deixar de carregar o mundo
Deixando de ser o pilar
Ser mais um
Quem quer?

O General Se

Se

Ferrenho ditador

Se comanda suas tropas

Guia cada um dos soldados para o abismo

Para o lamaçal Talvez

Para o pântano Dúvida

Para as sombras Quem Sabe

Conduz as tropas para dentro do cego inverno

Os ventos causam arrepios

As sombras se projetam como paredes

Mas o General segue imponente

E os soldados acompanham

Para além da cortina de neve

Para um novo suplício

O frio congela
O pântano imobiliza
As sombras cegam
“Como seria?” É o sussurro entre as sombras e os ventos
Sussurros de fantasmas do futuro
Futuro perdido
Morto antes de nascer
Matando o presente
De frio, cegueira e afogamento
Mas a marcha continua
Dia após dia
O General Se prossegue imbatível
Alimentado por fantasmas
Enquanto as tropas morrem de fome
Porque se negam a comer
O espetáculo da nevasca é tão fascinante que mata o apetite
Os fantasmas projetados são tão aterrorizantes que embrulham o estômago
Mas a marcha continua
Até onde?
O pântano não tem fundo

Até quando?
Dentro da nevasca o tempo se derrete
E alimenta o pântano
O frio cortante congela as engrenagens do tempo
O presente está longe
Não há saída
Sob a destra gélida do General Se
Quando um soldado se prostra
Uma baforada gélida o impulsiona
A voz do Comandante sussurra:
“Temos mais caminho!”
E o soldado prossegue
Até ver em sua frente pegadas iguais às suas
Mas o fascínio do vento e do General logo o retira
do tempo.

O Jardineiro

O sol se levanta mais uma vez

O Jardineiro lava a cara

Toma um café com broa

E sai mais uma vez para a lida

Como todos os dias

Limpa a terra

Ara

Arranca a erva daninha

Faz o controle dos insetos

Joga sementes

Pega as mudas de flores

Enfia a mão na terra

Planta as mudas

O suor escorre pela testa

Seca com a mão
Sorri ao perceber que sujou o rosto com terra
Esse cheiro de terra com mato é bom
Confere as plantas que estão crescendo
Sorri para a mangueira no meio do jardim
Anda por entre as árvores outrora plantadas
Chega a hora do almoço
Uma farta refeição regala a alma
As verduras não são as cultivadas debaixo da janela
O trabalho continua
Até o entardecer
Ininterruptamente
Seu trabalho é importante
Cultiva com vigor
Mesmo sabendo
Que não é ele quem faz o sol se levantar
Que não é ele quem faz a terra ser fértil
Que não é ele quem faz a chuva cair
Que não é ele quem faz as plantas crescerem
Mas seu trabalho é importante
Na viração do dia
Uma brisa sopra no jardim
Tem visita

O jardim está aberto de novo
Quem quiser chegar
Pode entrar e colher as frutas e as flores
Não são para ornamentação
Não são propriedade privada
Suas portas estão abertas para o norte
E para o sul, leste e oeste
Quem quiser ficar fique o quanto quiser
Quem quiser ajudar também é bem-vindo
Mas ele ainda é o Jardineiro
Trabalho sempre há, e muito
Mas também há boa companhia
Ajuntamentos felizes em uma grande mesa ao pôr
do sol
Boas risadas até mais tarde
Sem se preocupar com o trabalho do dia seguinte
Basta este dia
Só este dia
No fim do dia, o Jardineiro olha sua chácara
Sentado no chão
Olha as mãos calejadas
Enquanto o sol se põe atrás da mangueira

O Juiz

O Juiz está na antessala esperando
O Réu está para chegar
O Juiz se prepara calmamente
Põe sua toga de mártir autopurificador
Coloca sua peruca de autojustificação
Empunha seu martelo de sentença
E caminha para o púlpito do tribunal
Todos se erguem à sua entrada
Olha a todos do alto
Daquela posição ocupada unicamente pelos
passantes
Da estrada da autojustiça
Destila sua justiça em gotas
Dá sua sentença de forma reta

Bate o martelo com seu direito
Mal sabe que é espelho
Mal sabe que abaixo da peruca, maquilagem e toga
Esconde-se um condenado
As correntes estão debaixo da roupa
A peruca esconde os golpes da estrada
Que parecia vereda de justiça
Mas era a vereda do sacrifício
Golpes dados também por martelo de julgamento
As sapatilhas puras protegem os pés queimados
Mal sabe que é ponte
Ou não quer saber
É um acordo tácito
Um teatro
Ou circo dos horrores
O Bufão está por ali
Sente-se a sua presença
Guizos no lugar das tranças
Chamando para si a sorte dos tolos
Poluição de cores em lugar do preto
O Réu sai da frente do Juiz
Que projeta um sorriso de canto de boca
Atrás do púlpito o Bufão rola e segura uma

gargalhada
O Réu, na saída, lança um sorriso contido
O Rei Menino se levanta e bate palmas
“Bravo! Mais um ato!”
Está relaxado,
Em breve vai escrever outro auto
Para um novo ato jurídico
Pra que o Bufão seja mais uma vez inocentado
Na cela, o Réu está cabisbaixo
O Juiz chega, seguido do Bufão
Destranca a porta metálica
Saem na noite, enquanto o Rei Menino dorme
Sonhando com suas musas
Os três saem do palácio
Vão para a taverna
Sentam-se à mesa
Estão cansados
O trabalho teatral é exaustivo
O Juiz, com o martelo na mão, sorve sua cerveja
Deixando escorrer no canto da boca o líquido
amarelo da autojustiça
O réu toma sua bebida amarga timidamente,
olhando para os lados

O Bufão bebe regaladamente
Fazendo pilhéria com todos
Batendo na bunda das putas que passam pelo lugar
Mas só isso
Só representação
O Juiz observa com a complacência dos maduros
apodrecidos
O Réu olha querendo também
Mas o Juiz lhe lança um olhar de repreensão
O Réu baixa os olhos para sua bebida
Assim atravessam a noite
Pela manhã, o Juiz veste sua toga
O Bufão está caído, sujo de vômito, em um canto do
bar
O Réu dorme, chupando dedo, no colo de uma
messalina
O Juiz desperta os dois
“Vamos, Sua Majestade já deve estar acordando!”
O Bufão se espreguiça ruidosamente e corre para
porta
Fica pulando e chamando os outros para fora
O Juiz olha o Réu
Que engole um seco e sente um gelo na espinha

A doce messalina lhe passa a mão pelo cabelo e lhe
dá um beijo no rosto
Sente uma lágrima amarga tocar-lhe a boca
É uma lembrança rápida
Do que foi e do que poderia ser
Mas ele tem um papel a cumprir
Então sai, seguindo o Juiz
Que meneia a cabeça
Atrás do Bufão que vai à frente fazendo suas
mesuras.

O Labirinto

É o labirinto

É o cipoal

É o pântano

Labirinto é mais bonito

É mais bonito estilisticamente

Mesmo que o terror esteja em muitas curvas

Mas há câmaras de prazer

Primeiro uma parede

Depois um corredor

O primeiro enigma

Dia após dia sendo construído

Ininterruptamente

Até que perdeu a saída

Perdeu ou não quer sair?

Gaiola de ouro com chave jogada fora
Ou tão bem escondida que não se lembra mais onde
está?
Debaixo da almofada aconchegante?
Ou dentro da cesta de guloseimas?
Ou finge não saber onde está?
Por que sair?
O que há lá fora?
Dentro há dores e prazeres
Quem garante que lá fora as dores serão menores
ou que os prazeres serão maiores?
Precisa de uma Ariadne
Talvez ela já tenha chegado
Mas desvia os olhos dela
Olha toda a sua obra
As inscrições e decorações nas paredes
O material de primeira
O tempo gasto
Vale a pena deixar tudo pra trás?
O que há lá fora?
Não é o vazio?
O labirinto não preenche o vazio?
Começar de novo?

Construir o quê?

Que não seja outro labirinto.

O Verbo

E o Verbo se encarnou
O Sujeito se tornou definido
Todos os Adjetivos viraram Advérbios
Os Pronomes viraram Pró-verbos
A Oração se tornou simples
O Objeto agora é direto
A vida se tornou Substantiva
O Artigo agora é liberdade

Pacotes Plásticos

Saiu do pacote
Arriou a embalagem
Rasgou o lacre
Tirou o invólucro
O saco plástico que sufocava
Embalado a vácuo
Sem ar
Rasgou para respirar
Às vezes se engasga
Na ansiedade se atrapalha
Não sabe se respira pela boca ou pelo nariz
Às vezes pensa em voltar para a embalagem
Ficar na prateleira
Para todos olharem a mercadoria

Mesmo que o leite esteja vencido
Venceu por não sair da embalagem
Ninguém o tomou
Ninguém nunca se lambuzou (n)dele
Agora o sorvem em longos e barulhentos goles
Lambem os beijos
Isso assusta
Parece profanação
O leite ficou guardado para ser derramado no altar
Como libação
Para evaporar aos céus
Fora do plástico faz frio
Queria se enrolar de novo
Ficar parado
Embalado
Esticado
Protegido
Ser saboreado sem serimônia (sic)
(Com S mesmo, com suas curvas, como uma sacola
de plástico)
É difícil para quem nunca saiu do pacote
Para sentir cheiros, sabores, temperaturas
É difícil pra quem viveu espiando de dentro da

caixa

De cima da prateleira

Vendo a banda passar

Tocando os avisos de venda do supermercado

Satisfazendo-se em ver as outras mercadorias

Sendo apalpadas, saboreadas, mordidas

Descer da prateleira não é fácil

Cruzar o corredor do mercado

Passar pela porta automática

E ganhar a rua

Não é tarefa fácil para um recém-desencaixado

O desencanto pode ser a primeira imagem

Passagem em 4 Atos

1º ATO

Os três quedaram-se à entrada do jardim
Que não tinha mais anjo guardião
(Esse caíra sobre a terra como relâmpago)
Ficaram em silêncio por largo tempo
O Juiz contemplava o horizonte com olhar altaneiro
Parecia o capitão Hatteras
O Réu estava de cabeça baixa
Às vezes levantava o olhar
Mas tornava a baixar
Tentando segurar o choro
O Bufão estava inquieto
Mas de uma inquietude diferente
Tentava segurar as mãos

Mas não conseguia
Ensaiaava alguns passos
Mas se sentia perdido
Parecia um bichinho acuado
Sabendo não ter saída
A não ser o jardim

2º ATO

O Juiz desviou o olhar do horizonte
E encarando seus parceiros em último arroubo
farisaico

Tentando ainda se achar como líder

Disse:

“É chegada a hora”

O Réu engoliu um seco

O horizonte da liberdade o assustou

O Bufão, de repente, parou

E olhou assustado para o Juiz

Pela primeira vez

A gargalhada neurótica não se viu no seu rosto

O calor do fim do dia derretia sua maquilagem

Que se misturava à poeira do caminho

Os três olharam-se

Parecia que pela primeira/última vez se viram

Pela primeira vez se viram como espelhos
Os três deram as costas para a cidade em ruínas
Que era varrida pelo vento
Também deixaram para trás o parque
Oxidado pelo tempo
O Réu ainda ouviu uma gargalhada de Hiena
Que lhe gelou o fundo da alma
Como uma gota fria que pinga na coluna
Mas logo viu o portão
O Bufão,
Que ineditamente caminhava sem pular e dançar
(Talvez por isso caminhasse tão desengonçado)
Ouviu um rangido do carrossel
Movido, talvez, pelo vento
E cabisbaixo sorriu
(Também pela primeira vez,
posto que só soubesse gargalhar)
Lembrando das voltas frenéticas do brinquedo
E de todos os outros
O Juiz caminhava à frente, como sempre,
Ereto, conduzindo o cortejo infernal,
Mas com sua toga já puída
3º ATO

Pararam no portão
As sombras dos três se projetavam dentro do
jardim
Olharam-se de novo
Também pareciam sombras
E em sua última competição
Pularam ao mesmo tempo para o portal
Mas o caminho era estreito
“Não podemos passar juntos!” bradou o Juiz
“Eu vou entrar!” berrou o Bufão
Que soltou uma gargalhada histérica
“Não quero ficar pra trás!” lamentou o Réu
Que já chorava desesperadamente
Enquanto o sol se punha
Os três se debatiam
A mão do Réu entrava na toga do Juiz
A maquilagem do Bufão
Borrava os outros dois
A sujeira do Réu
Contaminava os demais
Quem olhava
Não via três
Mas um

E um só entrou
O Jardineiro
4º ATO
Entrou fazendo barulho de folhas secas
Com sua camisa xadrez
Calça jeans
Ferramentas penduradas no cinto
Tirou a camisa
Os últimos raios de sol tocaram seu peito nu
Aspirou com gosto o aroma das flores
Mergulhou fundo no riacho
Deitou nu na grama
Sentindo seu corpo ser espetado gostosamente
Era um com o jardim
OuvIU a cigarra em seu canto de fim de tarde
Abriu os olhos
Viu uma sombra em forma de chapéu de Bufão
OuvIU um choro longe
Também ouvIU um canto farisaico trazido pelo
vento
Fechou os olhos e voltou a curtir o fim de tarde
“São o que são:
Sombras”

Peter Pan voa mais uma vez

Peter Pan voa mais uma vez
Sobrevoa sua terra do nunca
Onde é querido, amado, admirado, glorificado
Pan brinca o dia todo
Pedro pode ser Pan
Pode ser pirata
Pode ser peralta
Irresponsável
Cheirando pirlimpimpim
Sendo cobiçado pela Sininho que quiser
Cortejando a Wend que desejar
Pisando o bacalhau que der vontade
A Terra do Nunca flutua
Peter flutua

Irresponsável
A Terra do Nunca não é jardim
É o paraíso de possibilidades infinitas
De cara bonita infinita
Os piratas são de mentirinha
Mas a irresponsabilidade é de verdade
E tome pirlimpimpim
Farra infindável
Sereias estonteantes
Pasárgada é descorante
Diante da vibrante Terra do Nunca
Pisar os solos
Jamais
Mesmo que o preço sejam as sobras dessa terra
Onde o nunca é o limite

A História do Cavaleiro

Um dia o rio de fogo cortou a escuridão
E o menino viu sua choupana em chamas
Seu pai tentava golpear o dragão
Mas era inútil
Quando os primeiros raios de sol iluminaram o dia
Só restavam cinzas
A casa e o jardim que a rodeava se foram
O menino viu as trevas se aproximarem
Tentou tirar seu pai
Mas ele estava estupefato pelo terror
Puxava-o pelo braço
Mas de nada adiantou
O menino saiu correndo
Como se de mil dragões fugisse

Correu pelo deserto o dia inteiro
Até ver um brilho no alto do monte
Lá subiu
O sol do final da tarde refletia seus raios no metal
dourado
Vestiu a couraça
Colocou o capacete
Levantou o escudo
E empunhou a espada para o horizonte
No matagal estava um cavalo
Nele montou
Rasgou as campinas
Matando gigantes, feiticeiras sedutoras, cavaleiro,
déspotas malignos
E dragões
O Matador de Dragões
Assim passou a ser chamado
Anos se passaram
Já não lembrava o próprio nome
A armadura era sua segunda pele
A espada era a projeção do seu braço
Seu cavalo, adornado, eram suas segundas pernas
Até que um dia tombou

Caiu diante do feitiço da mais terrível de todas as
feiticeiras

Pensou que iria resgatar uma donzela

Mas era uma armadilha

Entrou na caverna da bruxa

Masmorra da pura princesa

Mas lá só a moura encontrou

Sob seus encantos

Arriou o escudo

O braço perdeu a força

Esqueceu-se do seu cavalo

Arrancou a armadura

Aproximou-se da mulher

Estava mais baixo

Estranhou

Olhou para o espelho encantado

Viu um menino

“O que fizestes?!”

“Você é que não fez” respondeu a bruxa

“Quero minha armadura” devolveu o outrora
cavaleiro

“Você sabe que nunca será do mesmo jeito”
explicou calmamente a Teninguá

Então o vento que entrava pela abertura do
rochedo arrepiou o garoto
Que derramou todas as lágrimas que por duas eras
se reprimiram dentro da couraça
Queria ser acolhido no colo da moura
Mas ela não era sua mãe
Sabia que não veria mais os demônios que outrora
combatera
“E agora?!” se perguntava
“A roda da fortuna foi girada” disse a mulher, que
contemplava os seios no espelho “Mas se a roda
gira ela pode voltar para o mesmo lugar!” implorou
o garoto
“Certo. Mas cada volta é única” explicou a
feiticeira
O menino tentou ver seu futuro dentro da armadura
Não conseguia mais
Era agora um ser sem ontem e sem amanhã
Viu no canto da caverna uma antiga máquina de
costura
Percebendo o pensamento do garoto, a bruxa
pegou-lhe pela mão
Sentaram-se lado a lado no banco em frente à
máquina

E começaram a tecer uma roupa nova
E a roda da máquina girava conforme a música do
vento

A Praça

Ficava no meio da praça
Fazendo seus discursos
De olhos vendados e com a balança na mão
Sem ver o leproso à sua direita
E o órfão à sua esquerda
De vez em quando espiava
Para ver se o olhavam
Quando tirava a venda
E arriava a balança
Era para pegar a pedra
Até que subiu no pináculo
De lá viu toda a praça da antiga cidade
Viu todos os reinos deste mundo
Olhou para o mundo sob seus pés

Então viu que um fluxo de sangue corria de entre
suas pernas
E dele todas as nações bebiam
E se embriagavam
Viu que o templo tinha sete colunas
Que ele achava serem os pilares da terra
Mas eram muros
Então percebeu o horrendo espetáculo
Um Mensageiro gritou: “Caiu! Caiu!”
Então o chão sob seus pés se foi
E se vi rodeado de vento
Na queda a toga se rasgou
E ele caiu de boca no pó
Quando levantou o rosto, o sol feriu seu olhar
Todos viram sua miséria
Sua toga transformada em pano de saco
Sua glória, em cinza
Estava pobre, nu e sangrando
Com um gosto amargo na boca
Ali, prostrado, viu que estava no mesmo nível
Das prostitutas, ladrões, bêbados
Então deixou os trapos da toga
E ficou sentado na praça

Sem dar milho aos pombos
Fazendo amor
Enquanto a banda passava
Estava cansado porque esteve muito tempo em pé
Agora, chora com as messalinas
Assenta-se silencioso ao lado do ébrio
Que mais uma vez se revolve no próprio vômito
Ninguém o vê
Às vezes olha para o templo
Seus filhos ali entram para o baile de máscaras
A máscara de mármore do antes togado lá dentro
está
Chumbada nas colunas
A ponto de não saber onde começa a máscara e
termina o templo
E os mendigos ficam à porta pedindo esmolas
Mas o antes togado fica na praça
Ninguém o vê
Mas ele fala
Não como antes, como juiz em sua tribuna
Fica plantando flores na praça
Se alguém as pisa
Perdeu a chance de ter uma vida mais cheirosa

Enquanto planta, algumas pessoas chegam para
contemplar seu trabalho

E quem vem, vê

A Besta de Mil Olhos

O maior desafio do Cavaleiro
Olhar para o seu outrora Mentor
E percebê-lo como a Besta de Mil Olhos
A Princesa perseguida era filha do Dragão
Irmã da Feiticeira Prostituta
A armadura fora forjada com o viu metal
Proveniente das entranhas afogueadas do Dragão
Quando subiu da terra
A Mulher nascida da fusão
Princesa Feiticeira
O Cavaleiro mais uma vez fugiu em seu cavalo
Fugiu dos Mil Olhos
Eles estão em cada canto do castelo
Invadido de sombras

Os demônios estão no templo
Abusando do menino
O Cavaleiro não se vê sem armadura
Seus punhos são de aço
Seu sangue é de cristal
Frio e sem vida

Ciranda



O Fariseu, o Publicano e o Gadareno

De mãos dadas cirandam em torno do Menino

O Menino esconde o rosto das carrancas sobre ele
projetadas

Das frestas das mãos vê as sombras cruzando seu
olhar

Espetáculo horrendo do teatro de sombras

“Um, dois, três, aqui você é freguês”

Tenta fugir, mas o Fariseu lhe diz:

“Lá fora não há salvação pra você”

“Um, dois, três, não tente outra vez”

Tenta passar, mas o Publicano lhe fala:

“Já tentei, mas não há salvação”

“Um, dois, três, tudo de novo se fez, e não tudo se

fez novo”

Tenta mais uma vez

Mas o Gadareno lhe segura o rosto entre as mãos
lhe cuspindo:

“Você ainda acha que há esperança para nós?”

E o baile continua

O menino no centro, escondendo o rosto com as
mãos

A roda gira, tudo gira, e volta para o mesmo lugar

Ele fica tonto

Deita no centro do círculo

E ouve longe/próximo uma quarta voz:

“Um, dois, três...”

Vê a voz saindo do espelho

A Ditadura da Escolha

Em tempos tradicionais
Em sociedades arcaicas
Que talvez retroajam algumas décadas
A ditadura da escolha ainda não se instalara
Hoje vivemos sob seu agulhão
As escolhas multiplicam-se, ramificam-se, cruzam-se
Rapidamente
Indefinidamente
Convergem em turbilhão(ões)
Se antes não havia luz no fim do túnel
Hoje a luz multicolorida nos atordoa
Cega-nos
Paralisa-nos

Amedronta-nos a dar um passo
Se antes não havia um norte
Para em sua direção caminharmos como Hatteras
Hoje a bússola está enlouquecida
Se antes o futuro era incerto
Hoje é caótico
Se o pasto do vizinho era mais verde
Hoje há uma prateleira com uma miríade de
enlatados
A escolha tornou-se fast-food
Talvez por isso estejamos tão doentes
Com tantas escolhas
Não podemos mais escolher não escolher
Caso contrário o turbilhão de escolhas nos engole
Os moinhos da decisão nos esmagam
Onde vamos chegar?
Eu escolho?
Onde chegamos?
A dança das luzes não nos deixa ver
Saudade da obrigação, da não escolha?
Talvez não
(ou talvez sim, mas a carapaça democrática não nos
deixa assumir)

As mudanças mudaram
E nós não
Continuamos a semear ventos
Mas agora temos as latas de conserva
E as tempestades tornaram-se piores

A Queda

Houve batalha no céu
Lúcifer, imponente
Coberto de gemas reluzentes
Com seu manto de juízo
Queria apropriar-se do cetro ordenador
Sentar-se no trono dos mais altos céus
Para, por trás do trono,
Se lambuzar do fruto proibido
Para, quando todos fossem dormir,
Juntos com as estrelas na alva
Se largar no trono
E também dormir chupando o dedo
Não queria dormir nos braços do Pai
Mas queria ser Pai Menino

Mas o querubim foi abatido
Vergou dos céus
Na queda foi deixando para trás toda sua glória
E bateu-se no solo
Em meio à antiga cidade
O tremor de sua queda
Fez ruir as bases do templo
Fez o véu se rasgar
O pó da terra se levantou
As gemas sacras caíram
O sangue do aspirante a Deus
Misturou-se ao pó da terra
Entrou nas fissuras das ruínas
Delas brotaram flores
Uma grama verde começou a cobrir as pedras
Os cipós começaram a envolver as colunas caídas
As árvores começaram a cobrir os fragmentos de
rocha com suas raízes
O solo se saciou da carniça do anjo caído
A terra comeu gostosamente as carnes ainda
quentes
Do guardião dos céus banido
Os animais chegaram

E copularam ardentemente
Profanando o corpo do santo caído
As gotas de semente
Caíram sobre a terra misturando-se ao sangue
quente
Ajudando na fertilização
A espada que antes circulava o jardim
Fincou-se na terra
Mas não matou o chão
Mas feriu a rocha
De onde brotou água
Para refrescar e vivificar a terra
E apagar o fogo tarado
Da santa espada flamejante
A espada não matou a terra
Mas a terra enferrujou a espada
Que virou decoração
Do novo jardim
Aberto para quem quiser chegar

Adão e a invasão

Sempre achou a invasão apavorante
Na verdade o que apavorava era ser o invasor
Todo tempo temeu o próprio reflexo
Só agora vê
Transfigurando-se em demônio
A fera nele enjaulada
Escondida sob a caça
Cuspindo seu veneno
Esquecendo ser a serpente
A mesma do jardim
Mas também é Adão
Que teve um dia seu jardim invadido
E passou a errar errante pelo mundo
À procura de nova morada

Mas o ovo da áspide foi chocado no jardim
Com uma centelha, a antiga serpente brotou
E agora é sombra de Adão
Que ainda espera ver seu jardim
Mas teme encontrá-lo
Teme perde-lo de novo
Teme a picada mortal no calcanhar
O de Aquiles
Enquanto isso, a serpente é sua emissária
Cumpre o seu propósito e volta para a sombra
Esperando nova ocasião
De invadir um jardim
Levar horrendo conhecimento
De um amanhã sem esperança
Para alegria do Adão espectador
Que depois chora
Diante dos cadáveres
Feitos por sua criação

Construção

Comece com a base
Sempre se começa com ela
Mate um deus
Triture sua carne
Misture com seu sangue
Tem-se o cimento
O deus está morto
Mas a adoração e a possessão
Vivem na base
Erga o térreo
Os tijolos são os ossos de um promotor
A argamassa é a saliva projetada
Da boca do acusador
Sobe-se o primeiro andar

Uma masmorra
Escura, cheia de instrumentos de tortura
Ali os corpos são desossados
As carnes são moídas
O sangue é aspergido para purificação
A sala dos sacrifícios
Constrói-se o segundo andar
Tem-se a ressurreição
Os ossos secos se rearticulam
A carne moída se recompõe
Cobrindo a ossada embranquecida pelo tempo
O sangue volta a circular nas artérias
A obra está feita
Do alto do Zigurate
O deus fulmina os mortais
Desossa-os
Mói suas carnes
Bebe o seu sangue
O andar da masmorra fica cheio
Até Baco engasgar-se de sangue
E as carnes saírem por seu nariz
Então Lúcifer cai como relâmpago
Sua carne é espalhada no solo

Seu sangue salpica a torre
Seus ossos se quebram
Para recomençar a construção
Criatura funde-se ao criador
O criador emerge da criatura
Alimenta-se de si mesmo
A besta tenta devorar a todos
Mas acaba esfaçalhando-se
E fincando as vigas da construção
Na própria carne

Fantasia

Entre a cidade do terror
E o parque de diversões egoísta
Há um tráfego de personagens
E paisagens
Divindades
Demônios
Realidade amassada, dobrada,
Violentada e refeita
Para delírio
E martírio
Não é a mesma coisa?
Abismos, mundos, cenas, paisagens criadas
Tragicomédias...
Do Olimpo aos infernos

De deus a oferenda
Do labirinto escuro ao trono de glória
São vizinhos...
Disfarces, disparates...
Mundos sem fundos
Não tem fim
Um corredor chama outro
Perdição
Qual máscara usar?
Qual máscara nos outros colocar?
Carrancas assustadoras
Ainda assim procuradas
Medo do próprio rosto
Dos próprios olhos
Do que mais?
Serão eles piores do que as máscaras?
Tudo sugado para o abismo
O que há lá embaixo?
O aqui
O agora

O Jardim

O convite foi feito
Para adentrar ao secreto Jardim
Jardim exclusivo
Com árvores contorcidas
Moitas densas
Cipoais impenetráveis
Plantas carnívoras
Jardim de delícias
Mas o convite foi feito
Entrar no Jardim ou descer ao Hades?
Depende de quem vê
Plantas cultivadas carinhosamente
Trilhas abertas serenamente
Copas fechadas à luz do sol

Em alguns momentos, Jardim sombrio
Em outros, carrossel delirante de cores
No fundo, a sensação de proteção
Quente, úmido, inacessível
Não compartilhado
Impenetrável
Nada se compara a ele
Fora dele
O sol, por mais quente
E por mais bonito o dia
Irrita os olhos
Queima a pele
Voltar correndo ao Éden
Voltar a nadar nas águas pútridas
Mas refrescantes
No Jardim se é o centro
Porque se está só
Mais alguém retiraria esse título
Árvores e pedras
Não opinam
São objetos para deleite próprio
E assim permanece
Sem noção de dia e noite

Reflexo turvo
Na água pantanosa
Abrigo do tempo
E do vento
Assim dizem
As árvores em seu balanço

Ariadne

Está difícil prosseguir
Você chama pra fora
Eu reluto em sair
Você chama pra sair
As trevas me absorvem
Tento seguir seus passos
Mas as imagens ao redor me distraem
Você é tão real
Sua voz rasga a noite
Corta o gelo
Levanta-me da morte
Mostra-me o que há além do labirinto
Mas fujo de ti
Transformo-te em carcereira

Projeto em você a minha podridão
Envolver-te em minhas armadilhas
Tento matar mais uma encarnação sua
Insisto em continuar perdido
Insisto nas lentilhas
Insisto nas cebolas
Tenho medo de colher as uvas
É melhor correr
Você não pode me salvar
Porque você não sabe o caminho
Mas fique comigo
Vou encontrar a luz
Conspiração em cada esquina
O mundo se levanta contra mim
Os pés estão diante de mim
Meu reflexo é uma carranca
Golpeio contra o espelho
Golpeio o ar
Enrolo-me em correntes
Curvo-me diante da nevasca
Que sai da minha boca
Acuso-me
Deturpo-me

Encolho-me diante da nevasca

Sou meu inimigo meu

Não quero ser eu

Quem quero ser?

Poderia gritar e dizer que não quero viver me
punindo dessa forma

Por que não faço?

Não sei

A Pedra

Poderia parar de empurrar essa pedra morro acima

Que sempre cai para ser empurrada de novo

Por que não parar?

Às vezes paro no cume do monte

A pedra está lá embaixo

Poderia deixá-la lá para sempre

Resisto alguns instantes

Para em seguida descer desembestado morro
abaixo

E me agarrar em posição fetal ao rochedo

“Querida minha, o que serei sem você?”

Aí a pedra começa a ser empurrada de novo

Para cair de novo

Talvez porque o Escravo seja irmão gêmeo de

Narciso

O Escravo é Narciso frustrado

Narciso é o Escravo em revanche

Um se alimentando do outro

Um não vive sem o outro

Gêmeos siameses

Talvez empurrar a pedra valha a pena

Pelo espetáculo de vê-la caindo

Varrendo tudo

Esmagando tudo

É um espetáculo bonito e excitante

Bato palmas e dou pulinhos de alegria

Para depois descer o morro

E fazer tudo ser como dantes

O baile de máscaras

Um menino brincando com suas mascaras

Uma, duas ou três

Colocando em si e nos outros

Uma hora Bufão

Outra hora Juiz

Depois Réu

Um desfile de fantasmas

Para alegria do menino

Que para não se ver no espelho

Fantasia-se

Para não se ver nos olhos alheios

Fantasia os outros

Se se veste de Juiz

Elege um Réu

Se se veste de Réu
Saçarica de Juiz
Se se veste de Bufão
Também elege um Réu
O Juiz equilibra
O reino da fantasia infantil
Não deixa o Bufão evaporar
Nem deixa o Réu se empedrar
É uma cortina de fumaça
Um verniz que encobre
A máquina mortífera
É o véu sobre o espelho
Falsa modéstia
Fariseu na cadeira de Moisés
São máscaras
De um menino
Que não se assume criança
Mas brinca de adulto
Até quando?
Às vezes o baile se torna veloz
A troca de máscaras,
Frenética
O menino se excita na brincadeira

Até que as máscaras caem
E o menino fica no centro do salão
Então ele corre chorando
Pra vestir outra máscara
E recomeçar a brincadeira

O Bufão

Quando a bolha chega em seu limite
A tortura chega ao extremo
Esmagando os ossos
E triturando a carne
Quando a carga chega ao insuportável
Os portões do parque se abrem
As engrenagens se movem
E em um salto
O Bufão entra em cena
Com suas roupas coloridas
Salta freneticamente
Acha que o mundo é seu
Pensa que é Dionísio
Pensa que é rei

Mas ainda é o bobo
Plebeu vestido de cortesão
Em seu minuto de euforia
Subverte a ordem
Para que ela volte ao normal
Esvazia a bolha
Para enchê-la novamente
Troca a masmorra pelo parque
Para no dia seguinte voltar a dar voltas acorrentado
Mas o minuto pirotécnico parece eterno
O um parece se tornar muitos, todos
Os olhos estão vermelhos pelo vinho viscoso
No fim da festa há uma sensação de saciedade
De paz
Mas logo o sono chega
E o Bufão acorda
E se vê, novamente,
Na escuridão da masmorra
Mas ele aguarda pacientemente
Flagela-se calmamente
Para que, em breve,
Retorne em seu carnavalesco momento
De Momo mais uma vez

O caminhão e o ônibus

Andando na rua
Trilhando a calçada
Vida em paralelo vendo o trânsito passar
Numa dessas esquinas da vida
Ficou entre um caminhão e um ônibus
Vida aos pares
A rua ou a calçada?
Atravessar?
O que vem pela frente?
Uno ou Disperso?
Bufão ou Escravo?
Infante ou crescido?
A carga ou novos caminhos?
O peso do que foi ou as múltiplas veredas do que

poderá ser?

Carregar a torre ou erguer a cabana aberta para o mundo?

As escolhas o apertam

Contra a parede

Se ficar na calçada

Perde o bonde

A carga pode cair sobre ele

É melhor que caia

E se alivie

E que ele saia de debaixo dela

Machucado, esfolado

Mas pronto para enfrentar o trânsito

Sem medo da desfiguração

Sem medo de se ver no retrovisor

Sem medo de se chocar

A vida é feita de choques, não é mesmo?

A cada dia, novos arranhões, novos amassados

Consertados na medida do possível

O que não se pode

É negar continuar

Mesmo que não se saiba o caminho

Seguir em frente

Curvando, reduzindo, acelerando, perguntando
Mas um dia se chega lá
E sem carga tudo fica mais fácil

O castelo do Vilão

Depois de guerrear muitas guerras

De matar muitos pagãos

De defender muitas donzelas violadas por brutos
vilões

O Cavaleiro Dourado encontra o castelo do terror

Era rodeado pelo dragão

Havia roubado da Moura a sua localização

A mulher-serpente, filha do dragão e amante do
Senhor do Caos

O Cavaleiro avançou montado em seu cavalo contra
as chamas do dragão

A luz produziu um lampejo dentro de seu capacete
metálico

Fincou sua lança no ventre do demônio alado

Da ferida escorreu líquido viscoso, suor de milhares
de mãos

Adentrou no portal de sombras

Os corredores lhe eram familiares

Um velho de olhos tristes, de barbas e cabelos
longos e brancos

Vestido com uma armadura enferrujada e firmando-
se em uma espada velha

“Eu venci as chamas, mas não venci a escuridão”

Balbuciou o velho, em seu torpor de cãs

Escada acima o cavaleiro se deparou com muitas
portas

De número incontável

“Eu lhe guiarei até ele”, disse uma voz por trás do
Cavaleiro

Era a Moura

“Não posso confiar em você de novo” respondeu o
guerreiro

“Nem em mim e nem em ninguém”, respondeu
Teninguá

E abriu uma porta

Era o quarto de uma antiga estalagem

As paredes estavam lambidas pelas chamas

Os móveis eram restos de cinza amontoados
Em um canto estava um lençol branco cobrindo um
móvel vertical
“Ali está o quem (sic) você procura” sussurrou a
Moura
Retirou o pano
E viu a si mesmo
Olhou para o castelo e viu a antiga cabana, antes de
ser lambida pelo sopro do dragão
Olhou para o dragão e viu sua primeira vítima
Uma donzela chamuscada pela cólera da serpente
Olhou para a Moura
E viu a Moura
Olhou para a própria vida
E viu a não vida
A única vida ali presente era Teninguá
Que agora lhe pensava as feridas
Com seus feitiços milenares

O deus defunto

O deus defunto
Já está preparado
Para mais um cortejo fúnebre
Está com sua melhor toga-mortalha
O corpo sai do templo
A procissão segue pelas ruas da Cidade do Terror
À frente do cortejo
Estão os palhaços
Fazendo malabarismo e soltando fogo pela boca
Em seguida está o andor
Com a imagem do santo sacrificado
À sombra da imagem do sacrifício
O esquife é carregado por anjos e demônios
De longe parece um púlpito

Ou um palco
Talvez um altar
Em postura reverente
Os anjos com hipócrita sinceridade
Os demônios com respeito dissimulado
Fechando o cortejo
As muitas viúvas choram
Pela vida que não existiu
Mas que poderia ser
Dentro do caixão
O morto está morto e feliz
É o centro da festa
Alimenta e é alimentado do cortejo
Assim é cortejado
Como rei morto
É um deus culpa
Para cumprir o teatro de sombras

O Encontro

Aquele que passou a vida salvando princesas
Que passou noites inteiras sonhando, abraçado à
própria espada,
Com ninfas que, de tão puras, eram transparentes
Aquele que resistiu a poderosos feitiços
Que sempre se defendeu atrás do escudo contra as
setas mortais de ciganas misteriosas
Certo dia, cavalgando em defesa de mais uma
donzela em perigo
Sulcando um campo sacudido pelo vento
Viu uma moura a dançar
Sulcava o vale como o vento
Suas roupas tornavam-se um com seus longos
cabelos negros

Negros como as noites sabáticas
Do mais profundo de sua armadura
Um som de alerta subiu
Como uma bolha que surge do fundo do mar
Chamando o Cavaleiro para se afundar mais em seu
elmo
E seguir sua viagem
Mas ele resolveu se aproximar
E perguntar se vira o dragão passar
Carregando uma pura donzela em perigo
A Moura morena nada respondeu
Dançava com um sorriso no olhar, que se misturava
com o vento
E a boca beijava o crepúsculo
Até que ela abriu os olhos
Que refletiram a luz metálica do guerreiro
Mas com vida
A Moura tocou o peito metálico do homem
Que estremeceu como ondas contra um rochedo
Esse barulho assustou o nobre
O hálito da moça
Que cheirava todos os campos desse mundo
Invadiu as narinas do bravo guerreiro

“Não sei de donzela e nem de dragão,
mas sei de um jardim onde você pode aliviar-se
dessa dura caminhada”

O Cavaleiro subiu em seu cavalo e levou a Moura
em procissão

Naquele lugar muitas donzelas foram carregadas
Salvas de vilões, demônios e assombrações

Mas nenhuma delas havia conseguido atravessar o
metal com a própria alma

O Guerreiro avistou o jardim através dos cabelos
negros

Que não eram louros como das princesas salvas
Mas cheiravam carne e sangue

“Sua armadura é linda, mas pesada”

Disse a Teninguá, à beira de uma fonte

De onde arrancou sua roupa e mostrou sua pele
Morena como a terra viva daquele pomar de frutas
suculentas

Quando se deu conta, as águas envolviam seu
corpo

E sua armadura jazia à margem do lago
Mergulhava fundo naquele frescor quente
Águas fortes e revigorantes

Mas ao se levantar o brilho da armadura o chamou
de volta

“Eu te levarei comigo, você será minha princesa”

Disse para a mulher

“Não sou princesa, sou filha da terra,
e você terá que transformar ouro em pó
para poder se saciar de meu banquete”

E o Cavaleiro ficou

Nu, entre a armadura e a Moura

Que tinha água até a cintura

Então ela mergulhou

E desapareceu como sereia

O Cavaleiro, já vestido da armadura, pulou atrás

Afundou, e a imagem do seu cavalo aparecia turva

E cada vez mais distante

Acordou em um labirinto

Agora sua armadura estava mais pesada

Estava cheia de água

Ainda hoje se podem ouvir seus gritos

Chamando por sua amada Teninguá.

O teatro

A decorative swirl line starts from the bottom of the letter 'O' and curves upwards and to the right, ending in a small loop.

Ela sempre está presente
De uma forma ou de outra
A máscara muda
O ator é o mesmo
A história se repete como farsa
O farsante sou eu
Coadjuvante de mim mesmo
Sigo um roteiro que eu escrevi
Mas creditado a outro diretor
Um filme de terror
Uma tragicomédia sem fim
O final feliz é ignorado
Divirto-me com minha própria dor
A máscara cai para outra ocupar o lugar

A carranca é sempre assustadora
Observo quieto
Assustado em meu canto
Maravilhado pelo espetáculo em chamas
O circo pega fogo
Para renascer das cinzas
Círculo vicioso
Vício no círculo em chamas
Mas tudo é um embuste
Assim concluo
Até a próxima máscara empunhar.

Rochas e Ventos

O Homem de jaleco me chamou
Você estava meio deitado como sempre
Com seu olhar de sempre
Só que sem preocupação alguma
Na mesma sala
Do nosso último encontro
Mas havia uma companhia
Que nunca nos acompanha
Mas sempre nos espera
Mas eu só vi você
Suas mãos estavam descascadas
Talvez fosse um sinal
Mas eu não quis dar atenção
Você já não se lembrava

A memória é assim
É corroída pelo tempo
Como as pedras são corroídas pelo mar
Lembrei a você que eu já era homem feito
E que estava tentando virar doutor
Não daqueles que salvam gente
Mas daqueles que cuidam dos que não tem mais
salvação
Para que a memória deles não se corroa de vez
Então fui eu que me levantei
Era noite de vento
“Noite de vento, noite dos mortos”
Já dizia a velha Ana
Não a nossa Ana
Mas a ancestral de outro doutor
Agora se deite novamente
A companhia não é mais problema seu
É coisa dos vivos
Até outra noite
Quando a memória pregará outra peça
Nessa indesejável companhia

Fogo

Sempre vivi com o fogo abaixo dos pés
Desde que a primeira chama
Rasgou a escuridão
A chama que consumiu todo o miolo
Passou a brilhar no fim do túnel
Mas como terror
Para dela fugir
Abracei a chama do céu
Que aprofundou a chama do subterrâneo
E queimou tudo ao redor
E me queimou
Até sobrar só carvão inútil
Estéril
Madeira retorcida

Cinzas

Os pastos verdejantes

Sempre foram consumidos pelas labaredas
subterrâneas

Os anjos sempre viraram bolas de fogo

Combati fogo com fogo

E no final quem queimou fui eu

Quem alimentou a chama dia a dia fui eu

E hoje até de lareira tenho medo...

O Bando, o Beato e o Coração

Três. Para cinco, dois
Cinco são as pétalas da flor
Que cresce no coração
Sobre o prato
No outro prato está a pena
A balança, na mão esquerda
Do barbudo de beca negra
Sentado no banco de três pernas
Com mais duas, cinco
Ele e o banco são um
Na mão direita, a vara que rege
O coral infernal infantil
“Se o seu coração...”
Cantam as crianças na cadência de locomotiva
vitoriana

“...parar de bater agora...”
Enquanto marcham em unísono
Para o seu pré-destino (sic)
Uma tigela de cereal
Fria, sem gosto, sem cor
Sem graça
Mas eis que se ouve um novo cântico
Que faz o togado se levantar
Com o coração ainda pulsando
Tentando sobreviver às presas da planta
Uma música melosa, quente, úmida
No horizonte uma aquarela
Que faz os meninos sorrirem, o que não faziam há
tempos
Logo se percebe que é um bando
À frente, o Bufão
Na mão direita uma paródia de cetro
Pela esquerda conduz a Moura Feiticeira
E o séquito continua
Pierrôs, malandros, foliões, capoeiras
Uma festa policromática
Para o puritano que só o preto conhecia
Era a própria corte de Belzebu

De trás de um cumprimento do Bufão
Saltou o Malandro
Que com um só golpe roubou o coração
E o enfiou por baixo da toga preta
O moderno fariseu
Lutava contra a leviandade nunca vista
De repente a confusão aumentou
Tudo se fez noite e silêncio
Quando levantou a batina em farrapos
O Vigário viu pela primeira vez
Dentro dos olhos dos meninos
E também se viu menino
E pela primeira vez sentiu o peito pulsar
O bando sumira
Só deixando uma mudinha de cambará
Que o menino plantou
O novo bando saiu pelo mundo para viver
aventuras
Mas sempre voltava ali para ver a árvore crescer
Ai dos que habitam sobre a terra
Porque mais um bando de crianças com coração de
carne
Está solto

O Norte, a Escuridão e a Estrela

Do sul subiu uma estrela
(ou desceu? Isso é questão de cartógrafos e
geógrafos)
Mas para ela, que não tinha orientação
Não importava muito
Levava uma sacola com uma peça
Mas cheia de sonhos
(ou seriam pesadelos?
pelo menos pesadelos foi o que deixou para trás)
Assim chegou à grande cidade
A pequena estrela
Por que ali chegou?
Nunca soube
A filha do sul

Talvez tentando achar um norte
Por onde andou
Essa estrela errante?
É um mar negro
Que se iluminou
Com as lâmpadas de um parque de diversões
E no meio delas
Viu uma luz que também do sul viera
Também um norte a procurar
A estrelinha achou
Que achara seu norte
Mas parece que não foi
O que a outra estrela achou
Mas assim mesmo
Resolveram errar juntas
A estrela encontrou uma constelação
Mas a escuridão não a abandonara
Até quando uma nova estrelinha apareceu no céu
O norte continuava longe
Nessa busca se lançou em uma explosão cósmica
E para sempre se apagou
Cada estrela da constelação seguiu seu rumo
Para um dia se apagarem também

A Construção do Templo

Tudo começa com a base da ignorância
Sobre ela se ergue o esqueleto da culpa
Depois se levantam as paredes da autoexpição
Por fim, se faz o acabamento da autoglorificação
(Se me expio posso me gloriar disso)
Babel tenta tocar o céu
E todos aqueles que querem estar no pináculo
Para de lá enxergarem os reinos deste mundo
Devem fossilizar-se nas paredes do Templo
Tornarem-se imagem de escultura
Decoração do espetáculo
O preço?
Deixar a alma fora da porta

Pessoa ponte

Tem gente que nasceu pra ser ponte
Esse tipo de gente, aos olhos dos demais
Parece não ter opinião
Não ter bandeira
E nada ter a dizer
Porque a pessoa ponte
Não precisa parecer
Ela é
Ouvindo o que todos dizem
Observando o tremular das bandeiras
Sabendo que tudo passa...
Passamos por pontes todos os dias
Lembrando, esquecendo, sentindo falta
Daquilo que ficou antes do início da ponte

E querendo ou temendo chegar do outro lado
Mas quase ninguém pensa na ponte
Até o dia em que ela lá não está mais
Então temos dois mundos separados
Que nunca mais se juntarão novamente
Pelo menos não como antes

O Reverendo e os Vermes

Depois de mais um dia de rito
Dobrou a toga, deitou-se
E, cofiando a barba,
Foi arrebatado pelo sono
Em sonhos, esteve mais uma vez
Na entrada do beco escuro
Ouvia uma música ao longe
Concentrava-se tentando discernir
O canto infantil
Mas seus ouvidos não mais serviam
Àquele som
Foi então que sentiu uma mão que lhe empurrava
pelo ombro
“Vá ver seus filhos”

Dizia a voz dona da mão
“Filhos?”, arguiu o velho, cambaleando para dentro
das sombras
“Sim! A prole que você gerou e abandonou na
merda!”
Dizia um garoto magrelo, de camisa colorida
E que agora ameaçava o velho mestre com uma
arma prateada
E enquanto cruzava o beco
O ancião via putas que antes foram garotinhas
inocentes
Viu um jovem clamar pela vida
Gritando “da próxima vez eu acerto o estribilho!”
Mas que teve o crânio explodido, sem piedade
Viu jovens velhos consumidos de dentro pra fora
“Sua prole”, dizia o guia
“Meus?! Mas quando os gerei?”
“Você os gerou enquanto seu coração apodrecia,
cerimônia após cerimônia...”
“Meu Deus!”, gritou o Doutor da Lei
“Ele não está aqui. Você os abandonou sozinhos
aqui,
enquanto se vergava para mamar nas tetas de

Asmodeus”

Disse o garoto, fazendo a arma clicar na têmpera
do ancião

O Beato acordou empapado de suor

Pronto para mais um exercício litúrgico

Enquanto seus filhos, do outro lado da cidade

Revolviam-se como vermes

Mas mal sabia ele,

Que também era comido por dentro



Esse é o teu Reino?

Esse é o teu Reino?

Um terno bem cortado?

Um templo bem ornado?

Uma ata bem elaborada?

Esse é o teu Reino?

Não se aquecer em um sol dominical?

Não gastar sorrisos em uma gargalhada gostosa?

Não deixar o vinho alegrar o coração dos homens?

Esse é teu Reino?

Talvez não suportar ficar no primeiro gole

Talvez o olhar dos outros não seja bom

Talvez haja um leão lá fora

O Livro da Vida

No livro da vida todas as cores são puras
Por isso nem sempre ele precisa de palavras
Na eclésia da vida todo encontro
Mesmo que de dois ou três
Se feito em amor
Vira celebração
Vira cidade de refúgio
Aberta aos quebrantados de coração
No altar da vida
Todo que ama é liturgista
Pois vê o ato de serviço ao outro
Como a cerimônia mais sagrada
É a mesa da conciliação
Aberta ao oriente e ao ocidente
Reconciliados pelo pão e pelo vinho

Pelo arco-íris

Ele, sim, simbolizando a reconciliação de todos

Onde Deus está?

Onde Deus está?

Nas profundezas de uma catedral?

Em uma cadeira de cardeal?

Encadernado em um manual de Teologia?

Em um slogan “o Brasil para...”

Não sei...

Talvez ele tenha retirado sua glória desses lugares

Talvez ele esteja

Junto do bebê jogado na caçamba de lixo

Do adolescente gay

Apavorado com a possibilidade dos pais puritanos

Descobrirem sua orientação

Ou talvez no olhar do viciado em crack

Em sua derradeira convulsão

Talvez Ele esteja por aí
Nas celas dos esquecidos
Com aqueles que realmente precisam dele
Com os abatidos de espírito

O Saco-de Cacos

Os cacos no saco
Cada um de uma cor
De um tamanho
Arranhando-se
Carregados pelo andarilho
Estrada afora
Fazendo barulho
A cada mexida
Uma espetada
Peso morto
Peso quebrado
Nas costas do andrajoso
Costas feridas
Pústulas à mostra

Cheias de
“Corrupção, Vício, Depravação, Gangrena”
(vide dicionário)
Dor indefinível
Cacos no chão
Poeira no ar
E uma nova forma
O andarilho fica a olhar
Recolhe todos
Na beira da estrada
E continua a caminhar
Rumo ao poente

Livrai-me da salvação

Livrai-me da salvação
Daquela salvação que me afasta do diferente
Que cega em relação ao humano
Que rouba o tempo
De rir, dançar e chorar
Livrai-me da salvação
Que não pacifica a alma
Que teatraliza as ações
Que me torna fiscal no outro
Daquilo que é pulsão em mim
Livrai-me da salvação
Que institucionaliza a vida
Que mata o presente em nome do além
Que me chama de templo

Enquanto me faz sepulcro caiado

Livrai-me

Amém

Em carne viva

Em carne viva elx (sic) caminhava

Não era possível distinguir

Se homem ou mulher

Velho ou criança

Leproso ou queimado

Mas em carne viva

Caminhava

Meio vivo

Meio morto

Meio podre

Meio inflamado

Sem forma

Caminhava pela vila

As mulheres escondiam as crianças

Da horrenda visão
Os homens cuspiam de nojo
O Beato fazia o sinal da cruz
O Barbeiro, mentalmente,
Imaginou-se raspando a carcaça pútrida
Pra ver o que havia embaixo
O ente carniça sentou-se debaixo de uma árvore
Para proteger-se do sol
Que fazia suas pústulas arderem ainda mais
Dentre os sulcos de carne da face
Uma lágrima escorreu
Misturada a pus e sangue
O rosto ardeu mais
Mas dentro da carne ardia mais
Carne viva
Morta por dentro

O velho e a máquina de música

No velho barco
Ia o velho e sua máquina de música
Barco pesqueiro
Com capitão aventureiro
E tripulação fiel
De olho no futuro
Na próxima pescaria
Sem milagres de multiplicação
O velho olhava o passado
Sua velha máquina de música
Guardava o último vestígio
De sua jovem amada
Inventada ou real
Ela era dona da voz

Que saia da caixa de música
E embalava a embarcação
Nas madrugadas pesqueiras
Mas o capitão sempre avisava
“Desligue essa merda, velho!”
Mas o velho nunca atendia
Um dia o capitão
Em ímpeto de fúria
Depois de uma pescaria mal sucedida
Jogou a máquina de música na praia
Os colegas de embarcação falaram ao velho
“Nós avisamos, o capitão não gosta dessas
frescuras”
Mas o velho correu para a areia
Viu o mar batendo nos destroços da sua máquina
Lembravam os pedaços em seu peito
Os sulcos na areia
As rachaduras em seu rosto
Deixou ser levado pelo mar
Como mais um destroço
Nunca mais foi visto
Mas a tripulação nunca mais parou de ouvir
Nas madrugadas

O canto da velha máquina
Agora acompanhada de uma outra voz
Rouca e cansada

Deus terceirizado

Deus terceirizado

Da entrada exclusiva

Higienista

Limpo dos trapos das calçadas

Varredor das sujeiras das sarjetas

De cassetete em punho

Expulsa pra longe

O que/quem macula sua glória

Deus segurança privada

Deus juramento

Pelo ouro do altar

Deus contador das cédulas

Deus político

Representado nas assembleias dos homens

Deus investigador privado
Dos menores orifícios carnavais
Oh, Deus dos aparelhos de som de última geração!
Que habita no frescor do ar condicionado!
Rogamos seu olhar pra essa gente
Do asfalto quente
Que seu cassetete vire cajado
Pra levantar essa gente prostrada
Às portas de seus centros de convenções
Com cadeiras acolchoadas
Deus culpa, mas essa gente maltrapilha
Sujaria sua mobília
Então só nos resta
Sua guarda privada

Canto sombrio

No canto sombrio
Onde o canto não é claro
Onde as notas e as sinfonias silenciam
De onde deuses e monstros se levantam
Silenciosamente
Esperando uma greta na gritaria
Pra matar o dia ou a noite
Sussurram na escuridão
Espreitam pelas gretas
Do canto sombrio
Onde a luz se perde
Onde a voz engasga
No canto sombrio
Onde a crueldade não tem limites

A pele se arrepia
Diante
Do canto sombrio

Os bichos

Os bichos

Escorrem do saco de lixo

Cobrem o chão

Sobem nas paredes

Se incrustam pelos cantos

Novas camadas

Se confundem com a cerâmica

Branco movediço

Chão que se move

Nosso destino

Comidos por bichos

Carnes suculentas

Manjar para vermes

Sacos a caminho da podridão

Honras, glórias, sucesso
Para um mesmo destino
Uma cova de bichos
A devorarem o bicho-homem



(27) 3376-0363

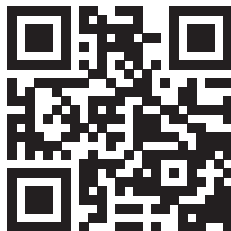


facebook.com/EditoraMilfontes



@editoramilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes. Acesse nosso site e descubra
as novidades que preparamos para Você.
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas
Butler e Afterglow.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



EDITORA MILFONTES

2021



Este livro é uma coletânea que reúne versos avulsos produzidos nos últimos anos. Apesar de avulsos, todos têm a mesma finalidade: mergulhar na mente humana. Esse mergulho, todavia, pode ser confuso e assustador, sendo que por vezes a mente se comporta como um poço de águas turvas, barrentas, cheias de entulho. Ao mergulhar, o mover das águas faz com que sedimentos e sujeiras antes depositados no fundo emerjam, piorando a visão do mergulhador. Mas o mergulho precisa ser feito, entre galhos, barro e outros destroços. Aqui, dos destroços encontrados nessa imersão surgiram esses versos. Versos sujos daquela sujeira que habita o mais profundo do nosso ser: medos, dúvidas, frustrações, rancores..., mas que precisa ser encarada para que nossa mente (poço) volte a ser potável. Essas poesias, portanto, são fruto desse ato de limpeza, quase de exorcismo (ainda incompleto) de demônios que habitam as sombras e o profundo das águas de nossas mentes. Fica aqui o convite para que o(a) amigo(a) leitor(a) mergulhe nessas águas. As primeiras impressões podem ser assustadoras, pois podem ser encontrados paisagens e personagens familiares, e a familiaridade nem sempre é alentadora. Ao contrário, pode despertar lembranças dolorosas. No entanto, é um exercício necessário. Apesar dos sustos iniciais, é importante que o mergulho seja feito até o fundo. Os destroços que parecem obstaculizar o caminho, na verdade, compõem o caminho. A expectativa é que você saia desse mergulho diferente de como entrou.

www.editoramilfontes.com.br

ISBN: 978-65-86207-94-1



9

786586

207941



PREFEITURA DE
COLATINA